



Ficha de Pesquisa

Séc. XVIII e séc. XIX

Tronco do módulo/ D

1/ Temática abordada

Na literatura francesa encontra-se o lugar do handicap na sociedade.

Século XVIII :

Denis Diderot : A carta dos cegos para utilização daqueles que veem 1749

A carta dos surdos mudos para utilização daqueles que ouvem e que falam 1751

Século XIX :

Victor Hugo : Notre-Dame de Paris 1831

Honoré de Balzac : A prima Bette 1846

George Sand : O moleiro de Angibault 1845

Les maîtres sonneurs 1853

Eugène Sue : Os mistérios de Paris 1842

Michel Strogoff : Jules Verne 1876

2/ Contexto

no século XVIII nasce em França o Iluminismo e com ele um novo pensamento filosófico trazendo ideias inéditas para a sociedade. É assim a época em que se escreve a Enciclopédia que questiona os conhecimentos. O handicap não tinha então um grande lugar mas é invocado em dois tipos de escrita: nas fábulas e num discurso de Diderot.

Assim, outros fabulistas consideraram o handicap com um atributo e “elevaram” o handicap ao nível de personagem ao mesmo nível dos animais como Jean-Pierre Claris de Florian no Cego e o parálítico ou Arnaud Berquin em O cego e o coxo. Isto dá-lhe um lugar de honra nesta época. De facto, como os animais, o deficiente também têm defeitos (reduzido à sua deficiência) e qualidades (principalmente a de pensar para procurar uma solução). Nestas fábulas encontra-se a ideia da compensação, quem cooperasse com vários deficientes poderia tornar-se uma pessoa ideal e completa. Há a ideia de que o deficiente é uma peça do puzzle que se encontrar a outra peça a quem se associar, poderá finalmente ser uma pessoa como as outras. Assim, o parálítico poderia guiar o cego que lhe permitia deslocar-se, é de notar que Arnaud Berquin se interessa pela educação das crianças e que publicou diferentes contos.

Mas o século XVIII é também o questionar da ciência da idade Média e dos avanços na área da cirurgia. Opera-se assim, os cegos para lhes voltar a dar a visão. Diderot num ensaio sobre a percepção visual põe em causa à imagem do cego na sociedade. Ele explica que isso muda as referências do individuo que deve readaptar-se ao meio que o rodeia. Ele descreve o modo como os cegos aprendem o espaço à sua volta para o tocar; sublinha que o ser humano é capaz de se adaptar em função do que é, que a perda de um sentido não é sinónimo de debilidade. Demonstra assim que o mesmo acontece com a moral que não pode ser universal porque somos todos diferentes: ataca assim a religião; isto leva-o à prisão. Mas segundo as suas ideias é preciso evoluir o olhar sobre o cego, ele mostra que estas pessoas devem ser tomadas em conta através da sua diferença. Ele voltará a apresentar este género de ensaio em 1721 com a carta aos surdos e mudos para ser utilizada pelos que ouvem.

Avançamos assim um passo ao escrever que o deficiente é dotado de sensibilidade e mostra reflexão; mas sugere-se sempre que é uma personagem imaginária. Em contraste, começa a aparecer ideia de que o deficiente pode tratar-se: mesmo sendo inato, não é uma característica definitiva.

3/ Finalidade

Esta ficha está associada ao modulo de formação da história do handicap e o seu enquadramento legislativo.

4/ Limites

Estudámos apenas o caso da França

5/ Perspectivas